

GT - Mídia Esportiva

O gol, o jornalismo e os preceitos da academia

- um casamento regido pela emoção e o incompreensível

Nilton José dos Reis Rocha, professor

Carlos Felipe Lacerda, narrador e comentarista

Lourdes Souza de Oliveira, repórter

Leandro de Sousa Mendes, repórter

Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia

Universidade Federal de Goiás

“Muita gente em S. Januário. Qualquer incidente ou uma invasão do gramado no caso de uma vitória do S. Caetano, os 350 policiais são insuficientes. Esse alambrado parece frágil para segurar essa multidão”.

Carlos Felipe, repórter¹

1. Introdução - uma bela pretensão estudantil

Os *Doutores da Bola* são uma equipe esportiva formada por estudantes, técnicos e professores da Universidade Federal de Goiás que realizam a transmissão radiofônica de eventos esportivos, via Rádio Universitária. Oriundos de um *Projeto Experimental*, de final , trazem na origem duas *deformações* curiosas: a proposta era de uma aluna de jornalismo,

Ana Lúcia Jardim, que visava retomarⁱⁱ a transmissão radiofônica de futebol profissional no Estádio Serra Dourada. No ano de 2000, transmitiu os jogos da Copa João Havelange realizados no estádio Serra Dourada, em Goiânia, e a ousadia levou a equipe ao S. Januário e Maracanã para transmitir partidas da finais do torneio.

Em 2001, o projeto se tornou um projeto permanente na Rádio Universitária, que parece voltar a ser uma das propriedades da Faculdade de Comunicação agora com seu inovador projeto da Central de Produçãoⁱⁱⁱ. Atualmente, a equipe transmite às quartas e domingos e, eventualmente, em outros dias da semana. Nessa nova fase, faz também a cobertura jornalística de outros esportes como basquete profissional, golzinho (torneio de caráter comunitário disputado nas ruas da periferia da cidade) e futebol de Várzea, a *Copa Interbairros de Goiânia*, organizada pela prefeitura municipal e que engloba 28 bairros.

Os *Doutores da Bola* têm cerca de 30 integrantes, entre estudantes, colaboradores (estudantes recém-formados), técnicos de som e orientadores e já é uma das maiores equipes esportivas do estado de Goiás. Por meio desse projeto, a Universidade Federal de Goiás - uma das maiores instituições de ensino, pesquisa e cultura do Centro-Oeste- vem dando um grande passo na área do jornalismo esportivo, no campo da graduação e da pesquisa. A UFG está mostrando para a comunidade através de um meio de divulgação em grande escala - a Rádio Universitária 870 AM, com mais de 35 anos de existência - e do pouco tempo de existência: a realização de coberturas esportivas feitas por estudantes; a inclusão do jornalismo esportivo como uma das opções de formação nos cursos de comunicação e, conseqüentemente, a superação dos preconceitos sobre o tema no meio acadêmico; e a tentativa de realizar uma cobertura diferenciada, como uma relação cuidadosa entre dos dois itens anteriores.

1. Pequena apologia do jornalismo esportivo

Veja ou outra se ouve falar que o jornalismo esportivo e do pouco tempo de existência: a realização de coberturas esportivas feitas por estudantes; a inclusão do

jornalismo esportivo como uma das opções de formação nos cursos de comunicação e, conseqüentemente, a superação dos preconceitos sobre o tema no meio acadêmico; e a tentativa de realizar uma cobertura diferenciada, como uma relação cuidadosa entre dos dois ítems anteriores.

1. Pequena apologia do jornalismo esportivo

Veç ou outra se ouve falar que o jornalismo esportivo (principalmente o realizado pelo rádio) é o filho renegado do Jornalismo, o submundo dessa área, uma coisa, aparentemente sem muita importância. De acordo com essa visão, o profissional ligado à essa área faz um trabalho quase irrelevante e que não exige muito talento e/ou competência. Esse tipo de preconceito esta presente também, e talvez com mais força, no meio universitário e foi a primeira barreira enfrentada pelos estudantes no desejo de montar uma equipe esportiva.

Entretanto, é bom lembrar que o rádio brasileiro talvez seja filho desse *refugio* e então carregue em si toda a essência desse ramo que tanto refuta. Senão, vejamos o que diz o estudioso Luiz A. Ferrareto (Ferrareto; 2000): “ *A importância do esporte no dia-a-dia das grandes emissoras do país pode ser atestada por uma constatação: o primeiro setor organizado para a cobertura esportiva é anterior ao surgimento das redações estruturadas de noticiários. Heron Domingues criou na Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, em 1948, o primeiro departamento de notícias da radiodifusão brasileira.*”

A figura de Heron Domingues, como se sabe, está intimamente ligada ao *Repórter Esso*, noticiário em rede nacional de maior audiência do rádio durante décadas. Para se ter uma noção de sua importância, as tropas militares que, em 64, se deslocavam de Brasília para depor Mauro Borges^{iv}, tomaram conhecimento do *Habeas corpus* concedido pelo Supremo Tribunal Federal ao ex-governador via *Repórter Esso*. Só que o radiojornalismo esportivo brasileiro, ao que tudo indica, já havia nascido cerca de 30 anos antes, idade suficiente, nos dias de hoje, para ser um responsável chefe de família.

Não há dúvida de que o futebol é o esporte mais vinculado com a idéia de radiojornalismo esportivo. Como atividade de *massas*, ele firma-se no Brasil depois de 1930. Ferrareto afirma que é possível que competições de outras modalidades, como o turfe, tenham sido transmitidas antes desta data. Esse ramo do radiojornalismo, no entanto, ganha impulso em 1950, quando se realiza no país a Copa do Mundo de Futebol. A transmissão dos jogos qualifica-se e mobiliza ouvintes de todo o Brasil. O gol do uruguaio Gigghia, fazendo 2 a 1 e tirando da seleção brasileira seu primeiro título mundial, silencia o país. Marca também a importância do rádio para o esporte e (quem sabe) memória nacionais.

O preconceito contra o jornalismo esportivo, pelo menos fora do meio acadêmico, acaba quando se pensa nos grandes profissionais brasileiros formados por essa área como Armando Nogueira, Mário Filho e tantos outros. Talvez seja a carência de estudos aprofundados e conclusivos sobre esse ramo jornalístico - que lida com a emoção, a informação, a opinião e a mobilização social numa outra perspectiva - que vem alimentando um mal-estar elitista, inexplicável, que permite a sobrevivência desse tipo resistência na academia. A teoria - se vista como ciência - tem pavor àquilo que ela não consegue compreender - e explicar -^v ainda que dentro das competências que sugere e tenta se autoaplicar.

Dificuldade que extrapola as atividades esportivas. Quase tudo que se aplica ao cotidiano e gosto dessas maiorias - vistas como *massa*, à direita e à esquerda ^{vi} - tem um tratamento amargo na esfera teórica e mesmo da acadêmica como espaço de formação humana e profissional. É evidente que esse trabalho, ainda que tentando escapar do bojo que critica, tem consciência dos limites que transita e das influências que sem sempre escapa. Como campo de extensão o jornalismo esportivo, feito na UFG, se arma de competências (ai, sente-se de novo a presença de Habermas) para se legitimar como esfera indispensável do ensino e ousa invadir, ainda que timidamente, a da reflexão/pesquisa.

2. Considerações sobre mídia e esporte

A transmissão esportiva não é um fim em si mesma, óbvio. É muito simplista analisar o processo sem levar em conta os fatores econômicos, políticos e sociológicos que a junção mídia-esporte proporciona. Roberto Da Matta afirma que foi o futebol, enquanto esporte de *massas*, que favoreceu a união entre Estado e Sociedade no Brasil e não as instituições nacionais. O fato é que no esporte, de uma maneira geral, há uma relativa da democracia e igualdade - pelo menos imaginária - entre as pessoas, pois aglutina ricos e pobres, negros e brancos, homens e mulheres. Adultos e crianças. Além disso, as competições possuem um certo número de regras que são obrigatoriamente seguidas e valem para todos^{vii}, independente de classe social ou etnia, por exemplo.

Esporte, em princípios bem gerais, é toda atividade coletiva ou individual - competitiva ou não - destinada ao aperfeiçoamento físico e mental do homem/mulher. O conhecido *espírito esportivo* consiste no fato de a vitória ocorrer, caso merecida, devido ao esforço, habilidade ou inteligência do competidor . O esporte termina quando os atletas cruzam a faixa de chegada ou o árbitro apita o fim de uma competição ou jogo. Por isso, encerra em si uma idéia de beleza, igualdade e perfeição. É algo acabado: terminada a competição, a vida real deve retomar seu trilhos e os *competidores* (e *torcidas*) retornam às relações de convivência social sem recentimentos ou ódio^{viii}.

Para que o homem possa se dedicar ao esporte, é necessário que a sociedade a que ele pertence esteja organizada de maneira a permitir o lazer, uma atividade não produtiva. Entretanto, sem políticas públicas que assegurem espaços e tempos para isto , o esporte - como momento do ser humano e de sua coletividade - foi confiscado para a excepcionalidade: o grande estádio ou a rica academia. O resto é marginalidade das práticas sociais como no campeonato de golzinho nas periferias ou do profissionalismo miserável existente. Mas, por outro lado, o fato é que o esporte pode ser utilizado para funções além de sua essência. Na Grécia Antiga, por exemplo, apesar de pouco falada tinha uma clara ligação religiosa.

Atualmente a chamada *profissionalização do esporte* traz em seu bojo vinculações econômicas, sociais e políticas. Não há dúvida de que o fato de o esporte movimentar bilhões de dólares em torno de sua existência gera uma série de interesses. Politicamente o

esporte, no caso o futebol, serviu para instaurar no país a chamada *Pátria de Chuteiras* e cria símbolos *nacionais* que tentam os diversos governos - nos últimos 80 anos, começa com o fascista Mussolini, passa pelo milico Médici e chega sóciologo FHC - a explorá-los numa ótica ligeiramente perversa. Ou seja, utilizar as conquistas coletivas-e-comunitárias - no caso das vitórias - como mérito pessoal dos governantes e, quem sabe, de seus governos.

Há que se salientar o papel da mídia nesse processo. Há algo um pouco explícito nos estudos dos seguidores da Escola de Frankfurt e estudiosos da indústria cultural, como Guareschi. A falar da comunicação e seus aspectos de controle social, ele, a título de exemplo, toma as contribuições dos frankfurtianos e afirma que os diversos meios de comunicação assumem um caráter a serviço da reprodução do modo capitalista, atuando principalmente, pela ideologia:

“Analisando nossa sociedade e a função da comunicação, não se pode deixar de ver que as explicações de mundo, usam a ideologia para tornar suportável a contradição. A afirmação de Marcuse vem a calhar, admiravelmente, nesse contexto: ‘Por um lado, a constante prédica da liberdade, da grandeza e da dignidade inalienáveis da pessoa, do domínio e autonomia da razão, da bondade, da humanidade, do amor indiscriminado pelos homens, da justiça, e, por outro lado, a humilhação geral da maior parte da humanidade, a irracionalidade do processo social da vida, o triunfo do mercado de trabalho sobre a humanidade, do ganho sobre o amor dos homens.’ (Marcuse, 1970:9; Guareschi, 1991). “

Nesse sentido, o esporte pode ser entendido como passível de ser utilizado para manter a ordem social, já que teria a função de *catarse das massas*. Esse fenômeno pode ser ampliado imensamente pela atuação da grande mídia que o difunde para os quatro cantos do país: *“Todos nós admiramos de como sobrevive a nossa população, no Brasil, com um salário que é o mais baixo desde 1930. Aventamos uma hipótese explicativa: seria isso possível se não fossem as novelas televisivas, durante as nossas noites, ou nosso esporte irradiado e televisionado nos fins de semana, que reúnem a família e os vizinhos que se aboletam silenciosos e atentos por horas a fio?”*

Para esses frankfurtianos, algumas vezes acusados de radicais, o papel mais importante da indústria cultural é fazer a população esquecer a sua realidade alienada, não permitindo que assuma posição crítica diante dela. Nesse sentido, qualquer produção em série de bens culturais que dê sustento e lucro aos seus produtores é a indústria e visa manter o *status quo*.

As empresas jornalísticas, e por extensão o jornalismo esportivo, estariam então comprometidos pelas engrenagens dessa indústria. Pode ser essa uma explicação para a prática de um jornalismo esportivo atrelado aos clubes (principalmente) e jogadores de futebol, não realizando um trabalho investigativo, esclarecedor sobre as nuances desse meio para o imenso público que acompanha essa mídia e a luta por anunciantes e por lucro, que muitas vezes sustenta não só a grade esportiva mas garante a própria sobrevivência da rádio.

Fica então claro que o esporte tem aspectos econômico, social, cultural, político e ideológico como toda atividade humana. E a forma como é realizado o jornalismo esportivo tem relações intrínsecas com essa importância, muitas vezes serve até para reproduzi-la e garanti-la. É nesse contexto de contradições que o projeto *Doutores da Bola*, resguardadas as devidas proporções, pode ser entendido como algo novo (embora não inteiramente, ainda) que pode se construir apontando caminhos diferenciados no campo da comunicação esportiva. Isso porque tem como foco a formação universalista de profissionais e tem como meta ou utopia realizar um jornalismo investigativo, livre de vícios e mazelas bem conhecidos.

Talvez seu grande triunfo seja o fato de estar sendo reconstruído em uma Rádio pública, que tem como orientação informar e realizar um trabalho junto à população sem estar, necessariamente, submissos aos fatores econômicos e políticos que pautam e gerenciam a chamada crônica esportiva e o jornalismo em geral no Brasil e nas suas províncias. Como práticas de interesse coletivo e comunitário, a cobertura jornalística do esporte não pode estar desvinculada do universo onde a sociedade e suas comunidades vivem, produzem (material e simbolicamente) e se deleitam nos prazeres da vida^{ix}. A determinação de esvaziar o esporte de seus significados, especialmente na sua dimensão popular e articuladora social, é política e elitista, além de maléfica à uma compreensão mais sólida do cotidiano dos povos e culturas

3. A utopia da equipe: a transmissão diferenciada

Doutores da Bola, apesar de sua debochada arrogância, tem a consciência de que, por estar ligado à uma universidade pública e gratuita - que procura cumprir sua função de articular ensino, pesquisa e extensão - seu compromisso é de aprender e/ou absorver a prática já acumulada, pesquisar, estudar e propor formas alternativas de *comunicação* e construí-la na prática social (portanto comunicativa) na comunidade.

Nesse sentido é que a equipe - com primeira transmissão em 24 de setembro do ano passado e que já realizou 37 jornadas - procurou, primeiramente, dominar a técnica vivenciada pelo meio esportivo. Para que os integrantes pudessem ter o controle de todos os aspectos da transmissão, a equipe definiu um período de quatro transmissões em cada função, sendo realizado depois um rodízio. As funções, repórter, narrador, comentarista e narrador, por exemplo, são as mesmas das mídias convencionais.

Nesse ano, os *Doutores* já transmitiram o Campeonato Goiano de Futebol (na capital e, algumas vezes, no interior do estado), a Copa do Brasil, a Copa Centro-Oeste, a Liga Nacional de Basquete e um *campeonato de golzinho comunitário*, todos em Goiânia. Essa atuação regular valeu o reconhecimento de jornais da cidade, em até mesmo reportagens de página inteira, a apresentação do projeto em eventos de pesquisa e experimentos em Comunicação, no Brasil e no exterior, e, por último, o convite da Prefeitura Municipal para uma parceria no sentido de transmitir também o maior torneio de futebol amador, a Copa Interbairros.

O próximo passo da equipe é justamente um mergulho mais profundo no rádio-jornalismo esportivo, ampliado sua cobertura não só no aspecto profissional como também amador, incluindo as práticas comunitárias de periferia. Há uma determinação de se articular essa proposta academicamente, com a criação da *editoria jornalismo esportivo* (enquanto atividade fundamental na formação) dentro da *Central de Produção*, projeto didático-pedagógico que está sendo implantado na Faculdade de Comunicação/UFG.

No tocante à melhoria da cobertura do esporte profissional, a equipe acerta detalhes para um *programa diário* na grade de programação da rádio, com a cobertura contínua

dos clubes esportivos, principalmente de futebol que ocupam espaços enormes na vida e no imaginário das comunidades. Da mesma forma, a equipe está sendo cobrada para ocupar espaços na *TV Comunitária* - dentro ou fora de programas já existentes - bem como na ampla produção que vem sendo distribuída e articulada pela Internet.

As matérias e reportagens especiais investigativas sobre o meio esportivo, que forneçam um grande número de informação precisa, aprofundada e que articule uma reação entre o universo do esporte e as outras práticas sociais, que vão alimentar os programas diários, a jornada esportiva e o site que a equipe possui na Internet. Os pontos talvez *mais charmosos* - porque edificará um outro uso da internet, ao mesmo tempo - dessa vertente serão as transmissões em torneios internacionais de futebol profissional, como a Copa Libertadores da América, em conjunto com estudantes de comunicação de países latino-americanos, num processo de aprendizado mútuo.

No que diz respeito ao esporte amador, o ideal sonhado pela equipe é a prática de caráter comunitário que a formação acadêmica dos cursos de Comunicação Social da Universidade possui, onde a transmissão esportiva é um motivo para que se desencadeiem os demais processos da cultura que, na mesma direção, vão contribuir na superação das dificuldades a que a população está submetida e na reinvenção desse cotidiano^x como algo palpável, realizador, criativo, coletivo e realizável nos diversos aspectos da cidadania que se constrói nas comunidades e nas suas tribos.

Assim, além da transmissão do jogo, a vida comunitária tem que invadir em plenitude as ondas dessa rádio (e outras mídias do circuito universitário-popular), contribuir na superação das dificuldades, do individualismo, do abandono e, assim, consolidar outros caminhos por onde os anseios, idéias e a cultura dessa gente (que, de certo modo, somos todos nós) das periferias andam para a consolidação de *um outro* projeto de sociedade e de *uma outra* cidadania. O evento pode ter uma dimensão cidadã muito maior caso o poder público (no caso municipal), além de apoiar, como é seu desejo, na transmissão radiofônica esportiva, possa compreendê-lo como uma possibilidade pedagógica para ele - o poder - e para a comunidade enquanto projeto de uma democracia sem exclusões^{xi}.

Em linhas gerais, esse é um esboço da pretensão da equipe, num processo que é fruto de reuniões didático-pedagógicas semanais para avaliação e melhoria de todo o trabalho. Entretanto, não só da boa vontade de um grupo de certa parcela do meio acadêmico se concretiza uma proposta dessa natureza. Num país como o Brasil, onde os diversos serviços públicos, dentre eles a grande maioria das Instituições Federais de Ensino Superior, passam por um processo de caos e crises geradas pelas dinâmicas do modelo único de sociedade que *se tolera*, diversas tem sido as dificuldades para o cumprimento dos objetivos e da própria sobrevivência de uma equipe de esportes formada por alunos, numa emissora universitária.

O fato é que a realização da transmissão dos *Doutores da Bola*, numa instituição pública, ocorre com muitas dificuldades. A Rádio Universitária como forma de apoio só pode ceder o espaço na sua programação, os equipamentos (que já estão obsoletos e estragam com frequência) e um técnico em telecomunicações.. A Universidade, que também passa por graves dificuldades, garante o transporte para os equipamentos da equipe, paga mensalmente a linha telefônica utilizada na transmissão e assumiu o custo do credenciamento da equipe na Associação Estadual dos Cronistas Esportivos.

Os integrantes da equipe não receberam nenhuma bolsa pelo trabalho realizado, até agora. Além disso, o trabalho é realizado com cuidado extremo com os equipamentos devido a falta de verba para sua manutenção. Vale lembrar ainda, que o árduo trabalho não se resume à própria transmissão esportiva. É necessário, como se sabe, um pedido de linha telefônica à Telegoiás, de cabine na administração dos estádios e ginásios e de resolução de problemas burocráticos na universidade e na rádio que, salvo situações excepcionais, são todos resolvidos pelos estudantes.

Dessa maneira, os entraves para se chegar à uma forma diferenciada de abordagem na cobertura esportiva (e de outros aspectos da vida comunitária) vão desde os limites impostos às instituições públicas no império da sociologia neoliberal aos bloqueios que a equipe - e nem mesmo a universidade - não conseguiu superar de todo. E o seu maior desafio é tentar construí-la partindo dos elementos e do acúmulo que dispõem, ainda que

contraditórios. A prática no meio social é talvez o caminho mais estimulante e seguro, embora nem de longe o mais fácil.

4. Uma conclusão bem esportiva

Essa tentativa de reflexão abre, sem dúvida, amplos espaços para que a academia, partindo de uma prática continuada e determinada em seus laboratórios de ensino-pesquisa-e-extensão, contribua para a construção de possibilidades para um outro diálogo social^{xii}. E ao compreender esse campo amplo e diverso possa, por seu turno e atendendo às suas exigências, explicá-lo e, assim, para que essa explicação venha ser incorporada como um bem público, de uso individual ou coletivo.

Transmitir um fato esportivo é penetrar/participar na vida social. Narrar é criar condições para que a comunicação da vida cotidiana^{xiii} e seus discursos diversos (e contraditórios, portanto) se legitimem na esfera pública. É não castrar os mitos e signos coletivos^{xiv} para que os falsos mitos e signos, cronados sistematicamente pela indústria cultural, engordem e sobrevivam. É dar asas à cultura, ao simbólico e aos heróis que o povo inventa (ainda que sem nenhum caráter) e de quem se alimenta contra os heróis sem charme, sem sexualidade e sem nenhuma consistência envaziem o lúdico, o sarcástico, o protesto e o feliz que de cada grupo e seus movimentos gestionam na dinâmica social.

O homo ludens^{xv} parece só entendido como possibilidade de manipulação ou submissão. Raramente como possibilidade de realização. Ao fragmentá-lo, separando-o de seu imaginário de referência, resta apenas o dono da emoção desenfreada, da ameaça violenta e do não pensar letárgico. O que o projeto da UFG pretende é a superação dessas imposições teóricas e, partindo de uma prática criativa, sugerir outras pistas de realização humana e algumas de possibilidades teóricas para compreender e explicar esses sujeitos e seu objeto de desejo. Uma abordagem que não é fácil de ser conquistada, por reivindicar elementos novos e regeneradores da sua própria dinâmica. Mas isso, de forma alguma, impede que seu esboço seja, ao menos, inicialmente pensado.

5. Bibliografia

GUARESCHI, Pedrinho. Comunicação e Teoria Crítica. Em Comunicação e Controle Social. Editora Vozes. 1991.

FERRARETO, Luiz Artur. Rádio: o Veículo, a História e a Técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000

MOREIRA, Sonia Virgínia. O Rádio no Brasil. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991

- ⁱ . Comentário feito 30 minutos antes de começar a partida entre Vasco e S. Caetano, pelo final da J. Havelange em dezembro de 2000.
- ⁱⁱ . Nos anos 80 até o início dos anos 90, a Rádio Universitária tinha o jornalismo esportivo como campo de aprendizado profissional. Retrocesso - de compreensão política - fez a direção da emissora retirar o programa do ar assim como vários outros de perspectivas essencialmente comunitárias. Acreditava que “as duas rádios” - uma centrada na lógica das mobilização e participação popular, produzida pela Faculdade de Comunicação através de seus alunos, e uma bem universitária e elitista para divulgar os intermináveis concertos de música clássica, programas enviados por embaixada, um jornalismo lerdo e baseado no que se denomina jocosamente *giletypress*.
- ⁱⁱⁱ . A proposta completa uma central de produção que, através das disciplinas práticas e também teóricas, alimente um circuito universitário-popular de informação composto por uma Rádio AM, uma Comunitária FM (Magnífica), TV Comunitária-NET Canal 12, Rádio e TV na Internet (Magnífica Mundi), um jornal laboratório (Samambaia) e o jornalismo *on line*.
- ^{iv} . Mauro Borges, governador de Goiás e coronel da reserva, se aliou a Leonel Brizola e Miguel Araes na Frente pela Legalidade numa tentativa de barrar o golpe militar de 64.
- ^v . Bordieu é vem batendo nessa tecla de que só é possível explicar aquilo que se compreende na sua essência e na sua lógica. Conferir BORDIEU, Pierre - *A miséria do mundo*, S. Paulo: ,
- ^{vi} . Uma reflexão interessante, nesse sentido, é a de AGAMBEN, Giorgio. *La double identité du peuple. Libération/Rebonds - Journal des Idées*, Paris, 11-12 fev. 1995, p. 7 . Ver ainda DOS REIS ROCHA, Nilton José - O absoluto da teoria na comunicação: as meias-verdades contra culturas e povos, in *A contribuição do Cristianismo e do Marxismo à teoria da Comunicação na América Latina*, São Bernardo: Celacom/Cátedra da Unesco, maio-2001; “ Uma gente longínqua, a comunicação e algumas teorias quase em desuso”, Montivideo: Endicom, maio-2001.
- ^{vii} . As deformações introduzidas pelas lógicas capitalista e socialista , cada uma a seu modo, não cabem nessa reflexão, apesar de ciente do estrago que produz na perspectiva que o texto se esforça em aprofundar.
- ^{viii} . A violência, muitas vezes racistas, de algumas torcidas não explica e nem se aplica ao universo global dos esportes e, muito menos, do futebol em si praticado sobretudo fora dessa dinâmica do profissionalismo/lucro.
- ^{ix} . A prefeitura de Goiânia, entre uma proposta da Faculdade de trabalhar os temas transversais da comunidade - onde se inclui as atividades esportivas - a partir de um projeto centrado na Educação e Comunicação, optou, a princípio e alegando contraditoriamente razões financeiras, por apoiar essa possível articulação centrando esforços e *apoio cultural* à Rádio Universitária através de um torneio de futebol interbairros.
- ^x . DE CERTeAU, M. *A invenção do cotidiano*, Petrópolis: Vozes, 1986.
- ^{xi} . AGAMBEN, *op. cit.*
- ^{xii} . Bakhtine, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*, S. Paulo: Hucitec, 1990, trabalha bem essa idéia. Algo que não significa, como vinha sugerindo Habermas, obrigatoriamente o consenso. Mais a palavra duelando na arena das lutas e vivências sociais e humanas.
- ^{xiii} . *id.* p. 37: “ Além disso, existe um aparte muito importante da comunicação ideológica que não pode ser vinculada a uma esfera ideológica particular: trata-se da comunicação da vida cotidiana”
- ^{xiv} . *id.*, *ibid.*, p. 34,37: “ A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social... os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis”.
- ^{xv} . *O homo sapiens* virou, um dia, *homo economicus* e terminou *estheticus* com Maffesoli, Michel. *L’ ombre de Dionysos: contribution à une sociologie de l’orgie*, Paris: Meridins, 1985, e também *Aux creux des apparences*, dentre outras.